

Babilónia n.º6/7  
pp. 361 - 367

## *Je t'attends à Procida*

de Francisco Magalhães

Professor, Tradutor e  
Investigador na Universidade Lusófona

Francisco Magalhães é escritor e tradutor há mais de 40 anos. Residiu em Paris durante uma década, onde obteve uma Licenciatura em História/Sociologia na École Pratique des Hautes Études, Sorbona VI. Na Universidade de Caen, França, obteve o Mestrado e o Doutoramento em Ciências da Educação. Residiu em Londres década e meia, onde publicou textos de carácter histórico e sociológico sobre cinema e sobre sociedade inglesa. Desde que regressou a Portugal que se dedica ao estudo da história urbana, à Tradutologia e à escrita (ensaio, ficção, poesia e drama).

Tradução do francês pelo autor  
Francisco José Magalhães

*Je t'attends à Procida*

Je t'attends à Procida  
A l'heure du crépuscule.  
Où es-tu fleur agreste?

Ce soir je ferai le tour de l'île à bicyclette  
Et je remplirai un panier de coquelicots  
Et je sentirai l'odeur de l'inconnu  
Et la musique des étoiles  
Et l'horizon des joies émues  
Et les rêves qui ne finissent jamais

Je t'attends et tout ce qu'il y a de jour dans la nuit  
Ce qu'il y a de nuit en juin (te souviens-tu ?)  
Ce qu'il y a de soupir le soir de printemps  
De clair de lune au bord de l'eau  
Des nuages qui jouent au cache-cache avec la lune  
Et le chuchotement des lumières dans les feuilles d'arbres  
Et le baiser des hirondelles perdues au petit matin  
Sans horizon ni après  
Et à l'heure où notre esprit est ailleurs  
Tu oublieras tes craintes à la plage  
Et nous irons voir danser les vendeurs de marées  
Et le soir nous irons écouter le chant du matelot  
Et puis je t'éveillerai et tu auras un sourire gai  
Comme si tu étais l'éternelle fiancée  
Avec toi, les étoiles filantes sont complices des galaxies  
Et la colline, là-haut, à l'aube, est couverte de brume  
Le berger joue la flûte de la nostalgie  
Et son chant triste fait pleurer les marguerites  
Et les fleurs des orangers, ces chrysanthèmes des mariées  
Étincellent le regard du temps

*Espero-te em Procida*

Espero-te em Procida  
À hora do crepúsculo.  
Onde estás flor campestre?

Esta noite vou dar a volta à ilha de bicicleta  
E vou encher um cesto com papoilas  
E sentirei o odor do desconhecido  
E a música das estrelas  
E o horizonte das alegrias tristes  
E os sonhos que jamais terminam

Espero por ti e por tudo o que há de dia de noite  
O que há de noite em Junho (lembras-te?)  
O que há de suspiro na tarde de Primavera  
De luz de luar à beira d'água  
E de nuvens que jogam às escondidas com a lua  
E o sussurro crepuscular nas folhas de árvores  
E o beijo das andorinhas perdidas de manhã cedo  
Sem horizonte nem depois  
E à hora em que nosso espírito está algures  
Esquecerás os teus receios na praia  
E iremos ver dançar o vendedor de marés  
E à noite iremos escutar a canção do marinheiro  
E então acordar-te-ei e tu terás um sorriso alegre  
Como se fosses a eterna noiva

Contigo, as estrelas cadentes são cúmplices das galáxias  
E a colina, lá em cima, ao alvorecer, fica coberta de névoa

O pastor toca a flauta da saudade  
E seu triste canto faz chorar as margaridas  
E as flores das laranjeiras, esses crisântemos das noivas  
Cintilam a saudade do tempo

Puis, je t'emmènerai à Vérone  
Où nous regretterons les amours contrariés  
Et au coucher du soleil nous irons à Venise  
Et dans les rues pleines d'amoureux je te prendrai par la main  
Et nous logerons chez les Doges pendant le Carnaval  
Et nous nous moquerons des masques de la mort  
Et tu t'habilleras de Fornarina  
Et moi, au Pont des Soupirs  
Je te parlerai de Pétrarque et de Laure  
Et le soir rentré, Titan, notre Caruso des canaux  
Nous prendra dans sa gondole ivre  
Et il nous conduira par le Grand Canal au Palazzo Mocenigo  
Où tu seras un coquelicot dans un salon de bohémiens  
Qui se disputent sur la raison de Socrate  
Ce grand ivrogne assoiffé de ciguë  
Et moi je te raconterai l'histoire de Teresa et George  
Les amants qui parlaient de Dante au lit  
Ce Sade de la morale qui fouettait Béatrice avec ses principes  
Et puis j'écrirai sur la porte de notre chambre  
- « L'Enfer, c'est ne pas nous embrasser sur la place Saint-Marc »

Et nous irons au Lido voir le *Décameron* joué par des moines  
Et allongé sur le sable je prendrai des ordres au monastère arménien  
Et tu répondras que je ne suis pas un poète mystique  
Et tes lèvres me diront d'autres choses gaies  
Et dans la chaleur de l'après-midi, à l'heure des fauves  
Je t'embrasserai et tu m'embrasseras  
Et je t'annoncerai que je désire mourir à Venise  
Et tu auras le sourire de veuve joyeuse  
Et puis en déshabillant ton costume de bal  
Sous le grand dôme de l'univers  
Cette Chapelle Sixtine de tous les Thérèse et Georges  
Couchés sur le sable, nous aurons une nuit de bonheur  
Car l'infini est fait de grandes caresses et de petits baisers

Depois, levo-te a Verona  
Onde lamentaremos os amores contrariados  
E ao pôr-do-sol iremos a Veneza  
E nas ruas cheias de namorados pego-te pela mão  
E dormiremos no palácio dos Doges durante o Carnaval  
E faremos troça das máscaras da morte  
E tu vestirás o fato da Fornarina  
E eu, na ponte dos Suspiros  
Falo-te de Petrarca e de Laura  
E quando chegar a noite, o Titã, o nosso Caruso dos canais  
Leva-nos a passear na sua gôndola embriagada  
E conduz-nos pelo Grande Canal ao Palazzo Mocenigo  
Onde tu serás uma papoila num salão de boémios  
Que disputam a razão de Sócrates  
O grande bêbado sedento de cicuta  
E eu contar-te-ei a história de Teresa e de Jorge  
Os amantes que falavam de Dante na cama  
Esse Sade da moral que chicoteava Beatrice com seus princípios  
E depois escreverei na porta do nosso quarto

- “O inferno é não nos beijarmos na Praça de São Marcos” –

E iremos ao Lido ver *Decâmeron* representado por frades  
E deitado na areia tomarei ordens no mosteiro arménio  
E tu me dirás que não sou um poeta romântico  
E os teus lábios me dirão outras coisas divertidas  
E no calor da tarde, à hora dos faunos  
Eu irei beijar-te e tu virás beijar-me  
E eu direi que desejo morrer em Veneza  
E tu terás um sorriso de viúva-alegre  
E, depois, despindo o vestido de baile  
Sob a abóbada grande do universo  
Esta Capela Sistina de todas as Teresas e Jorges  
Deitados na areia, teremos uma noite de felicidade  
Porque o infinito é feito de grandes carícias e de pequenos beijos

Et comme deux fiancés nous dormirons dans un lit de pétales  
Et puis nous quitterons Venise en soupirant de promesses  
Je ne chercherai pas dans ton cou « des folles araignées »  
Mais du miel pour adoucir mes larmes  
Et nous passerons la Saint-Martin à Ravenne  
Et le soir venu nous dégusterons le vin du fermier  
Et ivres d'amour nous chanterons des choses insensées aux étoiles  
Et juste avant l'automne nous prendrons la route de La Spezia  
Où le murmure des vagues chante à toujours le Poète de la Liberté

Et puis nous prendrons l'Orient Express, plein de mystère et luxure  
Et par la fenêtre de notre *wagon-lit*  
La brise du matin poussera doucement les rideaux  
Et nous verrons, au loin, la Grande Muraille de nos rêves  
Car toute la réalité de la Chine est petite face à notre démesure  
Et puis, à l'été, nous nous éveillerons en Inde  
Où je te lirai les poèmes de Tagore  
Et je te raconterai l'histoire de Don Juan, le chevalier de la foi  
Qui sur la route de Séville a séduit une pucelle de Bacchus

Et puis, au Himalaya, nous regarderons la solitude du monde  
Et le lever du soleil dans les champs de neige  
Et nous irons encore plus loin  
Et nous écouterons la musique des ruisseaux  
Et les bruits astraux de l'infini  
Et toutes les brumes du matin  
Et dans un voilier de pirates nous monterons le Pacifique jusqu'aux Galapagos  
Et puis, à l'automne, dans les bois nous danserons sur des feuilles mortes  
Et je te dirai à l'oreille où se trouve le mystère de la tristesse  
Alors, l'esprit du destin soufflera dans les cyprès  
Et la main du destin écrira dans le grand livre de la vie  
A quelle heure la mort fermera les yeux de la nuit

Mais tu n'es pas venue à Procida  
Où j'aurais aimé ne pas t'aimer

E como dois namorados dormiremos numa cama de pétalas  
E depois deixaremos Veneza suspirando de promessas  
E eu não procurarei no teu pescoço “aranhas loucas”  
Mas mel para amaciar as minhas lágrimas  
E passaremos o São Martinho em Ravena  
E quando chegar a noite provaremos o vinho do fazendeiro  
E bêbados de amor cantaremos coisas insensatas às estrelas  
E na véspera do Outono seguiremos a estrada de *La Spezia*  
Onde o murmúrio das vagas ainda canta o Poeta da Liberdade

E depois embarcaremos no Oriente Express cheio de mistério e luxúria  
E pela janela da nossa carruagem-cama  
A brisa da manhã empurrará delicadamente as cortinas  
E veremos, à distância, a Grande Muralha dos nossos sonhos  
Porque toda a realidade de China é pequena para os nossos excessos  
E depois, no Verão, acordaremos já na Índia  
Onde te lerei os poemas de Tagore  
E te contarei a história de Dom João, o cavaleiro da fé  
Que na estrada de Sevilha seduziu uma virgem de Baco

E depois, no Himalaia, olharemos a solidão do mundo  
E o nascer do sol nos campos de neve  
E iremos ainda mais longe  
E escutaremos a música dos ribeiros  
E os ruídos austrais do infinito  
E todas as névoas da manhã  
E num navio de piratas subiremos o Pacífico até ao Galapagos  
E depois, no Outono, nos bosques dançaremos sobre folhas mortas  
E dir-te-ei ao ouvido onde está o mistério da tristeza

Então, o espírito do destino soprará nos ciprestes  
E a mão do destino escreverá no grande livro da vida  
A que horas a morte fechará os olhos da noite

Mas tu não vieste a Procida  
Onde teria gostado não te amar